

DANÇA: GEOMETRIA METAFÓRICA

Lenira Rengel

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

Dança, geometria, procedimento metafórico.

III

*“Sou o poeta **na** cidade
 Não **da** cidade
 gosto das extensões azuladas das
 últimas montanhas
 contemplar nas estradas de topázio
 o anzol das constelações*

PIVA, 2008, p. 122.

Constituições mútuas de natureza e cultura se expõem com corpo. Somos no espaço e não do espaço. Compomos com nossas geometrias possíveis, estamos **nelas**. Somos corpos que não pertencem a um lugar específico, a uma geometria específica. Ao corpo não se habita, como se tivéssemos que entrar nele, ser **dele**. DANTO (1999: 201) traz a consideração de “*apagar as fronteiras*” entre o corpo que sou **eu** e o corpo que é **meu**. “*O pronome possessivo deveria colapsar inteiramente do discurso e não deixar nenhum self possuindo-o*”, ou habitando-o.

Entender biocultural (sem hífen) é evitar a ocorrência do dualismo de propriedade (Churchland 2004,1994), com o qual se camufla o dualismo cartesiano. O cérebro teria propriedades que nenhum outro objeto físico possui: físicas, como não-físicas, que seriam as propriedades da *inteligência consciente*. Elas são tidas como não físicas porque *jamais podem ser reduzidas ou explicadas em termos dos conceitos das ciências físicas habituais*. As propriedades *especiais* (não físicas) seriam, por exemplo, desejos, decisões, volições. Acontecem e podemos ver (com aparelhos adequados) em *pequenas cintilações tremeluzentes* no cérebrocorpo. Mas, segundo esses dualistas, são apenas epifenômenos. Eles ocorrem “acima” do físico. É o chamado epifenomenalismo (*epi*, prefixo grego, significa acima).

Nas intensidades corpóreas, faz-se necessário refletir processos de criação que ainda empregam conceitos que assumem “integrar” corpo e mente. Sabe-se, com referência nos estudos e conhecimentos adquiridos em pesquisas *in vivo* das Ciências Cognitivas, que mentes e corpos não têm que se “integrar”, **são integrados**. As Ciências Cognitivas são um pensamento filosófico compartilhado, multifocado e flexível, necessário ao conhecimento (conhecimento como sendo processo criativo e em movimento), do contrário haveria trabalhos específicos de cada área. Porém, a coexistência não implica em falta de singularidades. A beleza e a seriedade das Ciências Cognitivas contemporâneas está no esforço colaborativo continuado e na produção de

conhecimento que não poderia ser produzido isoladamente. Compostas de instrumentais da Psicologia, da Linguística, Filosofia, Ciências da Computação, Neurobiologia, Neurofilosofia, da História, etc., as Ciências Cognitivas buscam pesquisar a operação de como se dá o conhecer e colocaram o corpo como objeto de investigação.

O corpo que dança em extensão no entorno faz trazer a metáfora de CLARK (1997) para a idéia de mente como fronteira líquida, vazante e plástica no mundo. Plasticidade no sentido de multidirecionalidades e multiloções distendidas em geometrias **no** dentrofora (de mundocorpo). Nesta investigação se coloca o termo corponectivo como tradução para *incarné* e *embodied*, no sentido de VARELA, THOMPSON e ROSCH (1993: 27 e 1989: 58) como corpo e mente trazidos juntos. Corporificar, encarnar, materializar, personificar, concretizar, implementar, incluir, incorporar-se, reunir num só corpo substâncias diversas são as traduções, sinônimos e modos de entendimento para *to embody*. A proposição da pesquisa foi a de encontrar uma palavra-conceito que não expressasse que vai haver conexão, ou que vai ocorrer ação, e, sim a situação de já estar conectado e em ato. As significações recém elencadas para *embodiment* são consideradas insuficientes para dar conta do estado do corpo, no qual mentecorpo são mutuamente transitados. Assim, corponectivo, corponectivar e corponectividade indicam mentecorpo no movimento, na dança. Sobretudo, movimento conjunto. Claro que há várias instâncias sistêmicas corpóreas, porém codependentes. A dança, portanto, se configura em espaço biocultural.

“A mente corponectiva é parte do corpo vivido e é dependente dele para existir. As propriedades da mente não são puramente mentais: elas são formatadas de modos cruciais pelo cérebro e o resto do corpo e pela maneira que o corpo tem condições de operar na vida cotidiana” (LAKOFF e JOHNSON, 1999: 565).

Como é sabido, a partir de estudos hegemônicos desde o Ensino Fundamental regular, a geometria euclidiana perdurou com seus postulados por aproximadamente 2000 anos. É assim chamada para distinguí-la de outras geometrias, descobertas no século XIX, como a geometria do espaço curvo, por exemplo. A pesquisa não apresenta, nesta abordagem, estudos detalhados de geometrias nomeadas de euclidianas e não euclidianas. Apesar de ter sido realizado um minucioso levantamento práticoteórico (sem hífen) dessas proposições, das quais coemerge a dança. Contudo, a intenção é mostrar que os textos no corpo transitam por geometrias compostas de curvas, de retas, de sinuosidades, de desequilíbrios, de espirais, de pontos, de líquidos...

De acordo com BERTHOZ (1997), uma das funções fundamentais do sistema vestibular humano é a de medir os movimentos da cabeça por meio de um sistema de referência euclidiano. O corpo, nessa sua região se configura em canais semicirculares, como uma espécie de anéis, recheados por um líquido viscoso, a endolinfa. O detalhe anatômico – horizontal, frontal/vertical e

sagital – desses canais é importante, pois eles organizam a nossa percepção do movimento no espaço e portanto, diz BERTHOZ, a partir do matemático, físico e filósofo Jules Henri POINCARÉ fazem perceber a geometria euclidiana como “verdadeira”.

Entretanto, BERTHOZ (1997) traz a hipótese de que espaço geométrico e espaço representativo coexistem.

“O espaço geométrico é contínuo, infinito, ele tem três dimensões, ele é homogêneo (todos os pontos são idênticos entre eles) ,isótropo (todas as linhas retas que passam por um mesmo ponto são idênticas entre si). O espaço representativo, quanto a ele (que é sobretudo o espaço visual), é bidimensional (espaço retiniano); ele torna-se tridimensional graças à convergência e à acomodação; ele não é homogêneo porque a parte a parte da retina mais sensível às formas, a fóvea, não é homogênea com a periferia: ele não é então isótropo” (BERTHOZ, 1997: 44).

O corpo não é um lugar para as idéias simplesmente ou coisas acontecerem, assim, a dança se faz no corpo e cada contexto histórico tem de certo modo sua concepção geométrica no espaço em dança. Afirma-se, de certo modo, pois cada artista também pode trazer sua própria questão na sua criação e, nela, é trazida, junto, as possibilidades do que se pergunta: O que pode o corpo? O quanto é possível a experiência do fora? Fora (em analogia ao sentido deleuziano) de organizações estáveis de equilíbrio, de apoio, de andares, de centralidades no corpo, no espaço de geometrias diversas e díspares. Com referência em FOUCAULT ecoando NIETZSCHE, o quanto o corpo agüenta ao ser afetado por adestramentos e disciplinas?

“Para continuar a ser afetado, mais e melhor, o sujeito afetado precisa ficar atento às excitações que o afetam e filtrá-las, rejeitando aquelas que o ameaçam em demasia” (PELBART, 2004: 144).

Quanto mais se voltar ao corpo, mais haverá possibilidades de pesquisas, de criações, de autodefesa para forças que o destroem e de projeções criativas e imaginativas. Mas atenção! Transcendência é no corpo, não vai além, não se distancia do corpo. Temos como capacidade a faculdade cognitiva de pensarmos/sentirmos como se “saíssemos do corpo”, como uma projeção imaginativa no espaço da memória, das inferências, dos lugares em que vivemos, dos desejos, fantasias e, portanto empiricamente, trata-se de uma forma de “transcendência” (LAKOFF e JOHNSON, 1999: 565).

Assim, se coloca a geometria metafórica, em virtude de, no corpo, na dança, as operacionalidades se darem pelo que se denomina de procedimento metafórico. Enfatiza-se o discernimento entre metáfora e procedimento metafórico, uma vez que metáfora designa uma figura de linguagem verbal, principalmente, mesmo que em dança se afirme o emprego do “não-verbal”.

Met ou *meta*: antepositivo grego, que expressa as idéias de comunidade, participação, mistura ou intermediação, sucessão (no tempo e no espaço), no meio de, entre, durante, mudança de lugar ou de condição, interposição, transporte. *Phora*: pospositivo, também grego, que significa ação de levar, carregar. Procedimento metafórico faz um transporte, uma intermediação entre os domínios sensório-motores = perceber, sentir, transpirar, mover, tocar, pegar, etc. e os domínios das experiências subjetivas = julgamentos morais, juízos de valor, relações de afetos, etc. É esta comunidade permanente de conexões sensório-motoras inferentes abstratas que ocorre no corpo. Este meio durante no trans do inter, no entre dos textos da carne que pensa. Entre que tem lugar no corpo. O procedimento metafórico efetiva os não dualismos, sensório-motor e conceitos abstratos no corpo, juntos. É a enação da corponectividade. “*Nunca um monólito físico ou metafísico (apesar de esforços contínuos para descrevê-lo como tal), o corpo, o corpo humano, é metafórico em si mesmo*” (CASEY, 1996: 25).

“*Uma geometria não pode ser mais verdadeira que outra...*” (BERTHOZ, 1997: 43). Há que se refletir criticamente sobre organizações no corpo, já que geometrias se vinculam e a dicotomia entre uma e outra de fato não existe, já que todas procedem do modo de operar do corpo, que é metafórico, é trânsito biocultural. Colocar-se o mais próximo possível das (des)organizações instáveis, estáveis, sempre móveis do corpo, é portanto estar na experiência do o mais dentro fora possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTHOZ, Alain. **Le sens du mouvement**. Paris: Odile Jacob, 1997.
- CHURCHLAND, Paul. **Matéria e consciência. Uma introdução contemporânea à filosofia da mente**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CLARK, Andy. **Being There, putting brain, body and world together again**. Cambridge: MIT PRESS, 1997.
- DANTO, Arthur. **The body/body problem**. Los Angeles: University of California Press, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir. História da violência nas prisões**. 31ª ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- **A arqueologia do saber**. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- KATZ, Helena. **A dança é o pensamento do corpo**. Belo Horizonte: FID Editorial, 2005.
- KATZ Helena e GREINER, Christine. **A Natureza Cultural do Corpo**. Lições de Dança III, Rio de Janeiro: Editora UniverCidade, 2002.
- LAKOFF, George, JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: EDUC, 2002.
- **Philosophy in the flesh - The embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.
- **Metaphors we live by**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1984.
- MATTELART, Armand. **L'invention de la communication**. Paris: La Découverte, 1997.
- ORTONY, Andrew (editor). **Metaphor and thought**. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

PASSETI, Edson (coordenador). **Kafka/Foucault, sem medos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

PIVA, Roberto. **Estranhos sinais de Saturno**. São Paulo: Editora Globo, 2008.

RICOUER, Paul. **La métaphore vive**. Paris: Editions du Seuil, 1975.

VARELA, Francisco, THOMPSON, Evan e ROSCH, Eleanor. **The embodied mind – Cognitive Science and human experience**. Cambridge, London: The MIT Press, 1993.

----- **L'inscription corporelle de l'esprit – sciences cognitives et expérience humaine**. Paris: Éditions du Seui, 1989l.